

Sindicato candango renasce

Cida Fontes

«Setenta contra a fome e abaixo a carestia» foi o lema, que marcou no fim de 1963, a maior concentração de operários acontecida em Brasília — cinco anos após a criação do primeiro sindicato da capital. Esta luta decisiva, encampada pelos trabalhadores da construção civil, mobilizou, no início de 1964, cerca de 4000 operários numa passeata que saiu do conhecido «Quartel General de Greve», local de reunião da categoria, que ficava ao lado do Congresso Nacional. A passeata durou quase quatro horas dispersando-se no fim da avenida W/3 e os operários conseguiram seu objetivo: aumento salarial de 70%.

Até essa época, lembram os dirigentes sindicais, toda mobilização era basicamente reivindicatória, chegando mesmo a parar os trabalhos nas obras, abrir espaços nas cantinas para discutir melhores condições de vida e trabalho. Os trabalhadores tinham, porém, a garantia dos patrões que em várias obras da construção civil cediam espaço para as assembléias. As repressões que ocorriam, afirmam, eram dos policiais que chegavam em certa ocasião a invadir locais de trabalho. Lembram, por exemplo, a conhecida «matança da Pacheco», quando no alojamento da firma Pacheco Fernandes Dantas, houve uma matança de operários que reclamavam da comida. A polícia atingiu os operários e o próprio alojamento com metralhadoras.

Outros fatos que marcaram mobilizações de massa aconteceram antes de 1964, quando já nasciam outras representações sindicais na capital da República, então com poucos anos de idade. Em 1961, segundo os dirigentes mais antigos, os trabalhadores se reuniram em frente ao Ministério do Trabalho para anunciar suas reivindicações salariais e pedirem principalmente, a equiparação do salário mínimo com outros estados.

Quase nesta mesma época, num período de greve, os operários da construção civil concentraram-se na rampa do Palácio do Planalto. Neste dia, contam as lideranças, a polícia tomou conta do local e prendeu vários dirigentes. Um deles, entrando no carro da polícia ainda afirmou: «Pode me levar mas a greve continua».

ESTAGNAÇÃO

O atual secretário do Sindicato dos Trabalhadores na Construção Civil e um dos pioneiros do movimento sindical de Brasília, Manoel de Souza Lima, disse que após o golpe militar de 1964, as intervenções federais ocuparam as entidades e praticamente o movimento morreu na capital. «A situação era



Magnolia Correia

«A barriga vazia era a nossa arma para lutar» dizem os candangos

crítica porque perdemos o contato com os trabalhadores». Segundo ele, com a revolução de 64, «o Exército entrou no Sindicato e acabou com todas as formas de luta que já caracterizavam um avanço na consciência política e sindical».

Conforme informou Manoel Lima, a polícia naquela época argumentava que o movimento era «comunista». No entanto, «éramos a favor do pão e o aumento do custo de vida era motivo para paralisação, para realização de assembléias gerais e piquetes. O poder da barriga vazia era nossa arma e com ela lutávamos contra qualquer dificuldade».

Em 1964, vários dirigentes representativos da classe operária brasileira desapareceram no cenário sindical, com várias cassações de mandato. De muitos, nunca mais se teve notícias. Outros deixaram o sindicalismo e tornaram-se comerciantes, empresários e funcionários públicos.

DIFICULDADES

Um dirigente do Sindicato dos Comerciantes lembra que em 1967 «conseguimos tirar o sindicato da intervenção do Ministério do Trabalho, o que nos custou caro, até mesmo noites de sono, visto que a falta de politização dos trabalhadores, agravada com o evento da revolução de 1964, dificultou

a situação e afastou muitos associados da entidade».

O representante do sindicato dos metalúrgicos — entidade reconhecida em 1963 e funcionando de fato em 1967 — disse que o órgão sindical era conhecido como «ambulante». «Nós pegamos a entidade instalada numa garagem cheia de papel por todos os lados em Taguatinga e foi com muitas dificuldades que conseguimos reconhecê-lo junto aos metalúrgicos».

José Neves, atual presidente do Sindicato dos Comerciantes de Brasília, acrescenta que o sindicalismo brasileiro nasceu pelas condições da própria cidade. «Somos frutos de Brasília, no início da construção da capital e no começo do sindicalismo a heterogeneidade era acentuada, o que foi difícil formar uma consciência de classe nas categorias profissionais».

RENASCIMENTO

Após 15 anos de um período de quase estagnação, o movimento sindical de Brasília atinge novas perspectivas, partindo de uma necessidade de acompanhar uma luta nacional por melhores condições de salários e outras garantias no trabalho, engendrando características peculiares à situação da classe operária de Brasília.

Apesar deste novo sintoma, amparado por negociações salariais,

ameaças de greve, assembléias nas quais chegam a participar mais de quatro mil associados, como aconteceu na última reunião dos professores de Brasília, ainda persiste a prática sindical apolítica assegurando a predominância do assistencialismo, defendido pelo governo e combatido pelas lideranças sindicais autênticas. E, junto a esta situação se encontra a legislação trabalhista que tem finalidade máxima de firmar o controle do Estado sobre a categoria trabalhadora. Um dirigente sindical afirma que os sindicatos de Brasília sempre estiveram e continuam rodeados de dificuldades. «Só uma modificação na legislação trabalhista vigente poderia melhorar a situação, pois, enfrentamos todos tipos de pressões».

Entretanto, com a tomada de posições favoráveis a participação do trabalhador nos assuntos sindicais e principalmente, reconhecer que o Sindicato é o órgão de defesa dos interesses das categorias, ainda existe de maneira geral, a idéia de que o Sindicato deveria servir como «um pronto socorro». Alguns dirigentes que atualmente se encontram nos sindicatos reconhecem que este conceito deve ser substituído por uma atuação mais autêntica, política e com poder de reivindicação mais decisivo.